

Jacques Lacan

Seminário 25 - o momento de concluir

3 - aula de 20 de dezembro de 1977 - falar e dizer

Comentário de Jairo Gerbase em 30/03/00

1] O analisando fala

Não entendia a diferença entre falar e dizer até ler Todorov¹. Lendo o "Recordar, repetir e elaborar" [1914]² de Freud, ele demonstra que há dois modos de dizer. Pode-se dizer com palavras, isto é, recordar, e isso é possível graças ao simbólico. Quanto se chega ao limite do simbólico, ao limite do dizer, então, não se cala, como Wittgenstein propôs, mas, ao contrário, se diz em ato, *agieren*,³ como Freud propôs, se repete.

Todorov mostra que dizer em ato é um outro modo de dizer e, a partir de então, estamos na ordem do real. O real não pode ser dito, a não ser em ato. Assim entendo porque Lacan afirma: "trabalho no impossível de dizer", quer dizer, na dimensão do real, do ato.

Freud dá um exemplo muito singelo do *agieren*: o analisando não pode dizer que era insolente com seu pai e então se comporta de modo insolente com seu analista.

Todorov aproveita a ocasião para indicar em que medida a transferência é repetição, não no sentido de autômaton, de rotina, mas no sentido de tiquê, de encontro, ruptura. Propõe tratarmos o binário analisando-analista como correspondente ao binário enunciado-enunciação. Propõe, em seguida, que esse binário é encarnado por pessoas verbais: eu e tu, a pessoa que fala e a pessoa com quem se fala. É fácil notar aí a presença implícita da terceira pessoa verbal, aquela de quem se fala. No caso do simbólico, pode-se falar dessa terceira pessoa [do pai, no exemplo de Freud]; no caso do real, pode-se notar que a segunda pessoa, a pessoa com quem o analisando fala, o analista ou a enunciação se desdobra em segunda e terceira pessoa simultaneamente, em tu e ele. Estamos, portanto, na dimensão da retórica ou da poesia.

A fala é cifrada e por isso exige decifração, interpretação. É nesse sentido que falar é arte. Não se sabe o que se diz quando se fala. O analisando fala, mas isto não garante o dizer, porque a fala é cifrada como o desenho ou o brinquedo. Sempre se diz mais do que se quer dizer.

2] O analista corta

O que o analista diz é corte. Doravante devemos, a bem do rigor, entender o léxico corte em sua dimensão tórica. A clínica dos discursos induz a entender o léxico corte no sentido homofônico, como uma pontuação do discurso. A clínica tórica nos convida a entendê-lo no nível ortográfico, no nível da escrita ou da escritura, isto é, não mais na dimensão retórica, mas tórica, na dimensão do corte que permite o reviramento, a virada do interior ao exterior, que é o que Freud denominava de tornar consciente o inconsciente. O corte é a leitura do mais além do que se quer dizer e é por isso que tanto no que o analisando diz quanto no que o analista diz há escrita em jogo.

Pode-se fazer uma relação entre falar e escrever, e o que Soler⁴ denominou de "momentos de efetuação da estrutura". No léxico freudiano, falar e escrever correspondem respectivamente ao *Fort-Da* e à castração. Dito de outra maneira, correspondem à entrada no simbólico e ao encontro com o real.

Se quiséssemos seguir a indicação de Jakobson,⁵ diríamos ainda que, se, chegado o momento oportuno, uma criança não fala, todo mundo interpreta esse dado, com justa razão, como patologia, como um sintoma. No entanto, se, chegado o momento oportuno, uma criança não lê nem escreve, todo mundo interpreta esse dado, não como um sintoma mas como analfabetismo. Pode-se radicalizar dizendo que o analfabetismo é um sintoma ao mesmo tempo social e particular e isso se deve à dupla dimensão do significante, à dimensão significação ou dimensão fálica, e à dimensão satisfação ou dimensão outra do significante.

3] *A matéria do pensamento*

Em uma clínica estrutural dir-se-ia que a matéria do pensamento é o significante [o significante recalcado, foracluído ou desmentido]; em uma clínica dos discursos dir-se-ia que a matéria do pensamento é o significante articulado a um outro significante [$S_1 \rightarrow S_2$]. O significante é, nesses casos, definido como o material da linguagem. Em uma clínica tórica, clínica do nó borromeano feito com rodinhas de cordão, que são toros, dir-se-á que a matéria do pensamento é o nó borromeano. Tal como a matéria, o nó se quebra, se junta e se dobra. Pode-se fazer metáfora de nós borromeanos o que aproxima a clínica tórica da clínica do significante, isto é, da lingüística. Por exemplo, pode-se dizer, como disse Descartes,⁶ que há pensamento e extensão, quer dizer mente e corpo. Enunciados tais como "língua afeta o corpo" ou "o significante dá vida ao corpo"⁷ visam fugir do dualismo cartesiano ou propor uma unidade entre significante e corpo, ou visa reunir a substância semântica e a substância gozante do significante, o que o léxico sintoma realiza de maneira satisfatória. Por isso Lacan afirma que o corpo de Descartes é fantasia de corpo.

Aliás Lacan recorre algumas vezes ao léxico fantasia nessa aula, até o ponto de dizer que não há relação sexual salvo entre fantasias. Vocês lembram que ele já dissera que não há relação sexual salvo incestuosa ou assassina, e que também dissera que não há relação sexual senão no sintoma, o que nos permitiu propor a subsunção do léxico fantasia ao léxico sintoma.⁸

Porém, o léxico que lhe importa é o saber e é por isso que ele sempre se pergunta: o que é o saber [S_2]? O saber é o que nos guia, responde, diferentemente do animal que é guiado pelo instinto. O instinto no homem, isto é, no falaser, está completamente vinculado ao significante e é isso o que Freud denomina de pulsão. A pulsão é o instinto significantizado.⁹ De algum modo Lacan quer distinguir pensamento e "apensamento", ou seja, respectivamente, instinto e pulsão. Isso lhe levará a dizer que o inconsciente é o saber que nos guia.

Que se diga que não há realidade ou que a realidade é constituída de fantasia é coisa que para nós não contém mais nenhum enigma desde que partimos da evidência de que o mundo humano ou, como se diz o universo de discurso é ordenado pelo significante. Todo saber ou toda ciência provém do fato de que não há relação sexual o que é uma especificidade do animal que sabe contar, quer dizer, daquele que pode dizer há um sexo e há o segundo sexo e até o terceiro sexo, o que não está ainda evidente. Por exemplo, alguns animais fazem sexo com o outro do mesmo sexo e como não sabem contar não cogitam que se trata nesse caso de homossexualidade. Aliás, o que parece materialmente abusivo é Freud ter imputado tudo ao sexo quando na verdade não se trata da relação entre gametas, mas da cópula entre significantes.

¹ Ver Tzvetan Todorov, "Sobre a enunciação" e "A retórica em Freud", *Teorias do Símbolo*.

² Ver Obras Completas, vol. XII.

³ *Acting out*: Quando um sujeito não consegue se lembrar de um elemento recalcado, ele age por vezes sem saber o que está retornando então na forma de ação. Ao evocar isso em 1914 em "Recordar, repetir e elaborar", Freud nomeia essa atuação usando o termo *Agieren*, que foi traduzido em inglês por *acting out*, expressão que sublinha sua dimensão de jogo teatral. Foi nessa ocasião que Freud introduziu a compulsão à repetição e a associou à transferência, na medida em que esta seria a repetição em ato do passado que não se pode rememorar. Quer ocorra durante uma sessão de análise ou fora dela, um *acting out* reproduz um clichê ou um roteiro inconsciente e possui uma dimensão transferencial. Em seu seminário sobre *L'Angoisse*, em 1963, Lacan fala a seu respeito como de uma "transferência selvagem" e insiste sobre a importância atual do que vem então se mostrar no palco. E de fato, na análise, um *acting out* pode constituir um apelo, um desafio, uma réplica, que atestam uma incapacidade do dizer, correspondendo a uma intervenção no real ou significando o que a interpretação deixou de considerar. Representa pois uma verdade não reconhecida e se situa na fronteira entre a vida real e a cena de ficção; é por isso que perturba o jogo, mas torna também a análise possível quando encontra acesso à representação e cede lugar à fala. © Pierre Kaufmann, Dicionário Enciclopédico de Psicanálise, JZE, RJ, 1996. Nesse sentido o "passe de entrada" é um *acting out*.

⁴ Ver Colette Soler, "O desejo do analista. Onde está a diferença?", *La Lettre Mensuelle*.

⁵ Ver a aula de 01/02/67 do Seminário 14, "A lógica da fantasia", de Jacques Lacan.

⁶ *Matéria e espírito*. Admitida a existência do mundo corporal, Descartes passa a determinar qual é a essência dos seres. Aqui introduz seu conceito de substância, aquilo que "existe de tal modo que só necessita de si mesmo para existir". As substâncias se manifestam por seus modos e atributos; os atributos são aqueles modos que revelam a determinação essencial da substância, isto é, aquilo sem o que uma substância deixaria de ser tal substância. Assim, resulta claro para Descartes que o atributo dos corpos é a extensão, e todas as demais determinações -- forma, cor, figura etc -- são modos.

Da mesma forma, considera evidente que o atributo do espírito é o pensamento, pois o espírito "pensa sempre". A conclusão é que existe uma substância pensante -- res cogitans -- e uma substância que compõe os corpos físicos -- res extensa -- e que ambas são irreduzíveis entre si e totalmente separadas. É a isso que se chama o "dualismo" cartesiano.

O caráter que Descartes outorga aos corpos implica outra conclusão necessária: se o corpo é uma simples magnitude espacial, não existe espaço vazio; a matéria é infinita, e as mudanças qualitativas nos corpos são simples mudanças de lugar no espaço: trata-se de uma explicação puramente mecanicista do mundo, que permite interpretá-lo de acordo com leis matemáticas -- como, de fato, Descartes fez em seus escritos científicos.

Corpo e alma. A separação radical entre matéria e espírito é aplicada rigorosamente, em princípio, a todos os seres. Assim, os animais não são mais que máquinas. Contudo, Descartes faz uma exceção quando se trata do homem. Dado que este se compõe de corpo e alma, e sendo o corpo, por definição, material e extenso, e a alma, espiritual e pensante, deveria haver entre eles uma absoluta ausência de comunicação. No entanto, no sistema cartesiano isso não acontece; a alma e o corpo se comunicam entre si, mas não ao modo clássico, isto é, a alma constituindo a "forma" do corpo, e sim de uma maneira singular. A alma está assentada na glândula pineal, situada no encéfalo, e dali rege o corpo, como "o navegante dirige a nave", por meio dos spiritus animales, substâncias a meio caminho entre espírito e corpo, à maneira de finíssimas partículas de sangue, que transmitem ao corpo as ordens da alma. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

⁷ Ver Lacan, Seminário 20, *Mais, ainda*.

⁸ Ver meu "Sintoma e fantasia", inédito.

⁹ Ver "O saber do psicanalista" de Lacan.